

## O amor que cabe no bolso: a pedagogia do matrimônio em Corin Tellado<sup>1</sup>

Roberta Manuela Barros de ANDRADE- Universidade Estadual do Ceará<sup>2</sup>

Erotilde Honório SILVA- Universidade Federal do Ceará<sup>3</sup>

### RESUMO

No Brasil, o livro de bolso inaugura uma nova era no consumo de romances sentimentais. Entre os anos de 1960 e 1970, a coleção Corin Tellado reina soberana nas bancas de revista país afora. As obras desta autora, de extremo sucesso entre os setores populares, inserem, em suas tramas, conflitos que não estavam em curso em seus congêneres nesta década. Neste período, suas histórias giravam, primordialmente, em torno do casamento em perigo. Se casar é inevitável para as suas protagonistas, continuar casada é um problema. Mas, que tipo de pedagogia matrimonial trata a autora? Qual era a orientação dada, em suas obras, para as esposas infelizes, cujo casamento está ameaçado de desintegração? Estas são, pois, as perguntas-chave que orientam este trabalho. Para tal, realizou-se uma análise de discurso estrutural e argumentativa de dez de suas obras cujo enredo gira em torno deste tema.

**Palavras-Chave:** Romances Sentimentais; Corin Tellado; Matrimônio; Infidelidade, Protocolos de Leitura.

### 1. Livros de Bolso e Corin Tellado: uma parceria de sucesso

No Brasil, até meados dos anos de 1950, os romances sentimentais<sup>4</sup> estavam circunscritos a uma elite, oriunda dos setores médios urbanos da sociedade brasileira. Eram, pois, um bem de consumo de luxo. A este tempo, os canais de produção e circulação eram insuficientes e ineficientes. O nível de analfabetismo ainda era altíssimo, e os preços proibitivos. Como lembra Andrade (1969), somente aqueles privilegiados pela economia e pela educação poderiam comprá-los. O eixo de maior produção, circulação e consumo do livro estava ainda centrado no sudeste do Brasil. Escarpit (1969) afirma que em 1955, das 267 livrarias existentes no Brasil, 94 se encontravam em São Paulo. Em 1959, das 557 livrarias existentes, 194 se encontravam ainda em São Paulo. Nos outros estados, a distribuição do livro era precária, realizada pelos correios, por vendedores ambulantes ou por pequenos distribuidores, cujo acervo era diminuto. Assim, os romances não estavam somente restritos a uma classe social privilegiada, mas também, a uma região demográfica.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Associada N da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: manubarros@secrel.com.br.

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora aposentada da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: eroh@uol.com.br.

<sup>4</sup> A crítica especializada denomina de romances sentimentais uma obra de ficção que relata histórias de amor que destacam os estados emocionais e os conflitos internos das personagens muito mais do que as suas ações externas (SAMONÁ, 1980).

Neste contexto, a chegada dos livros de bolso no Brasil foi um marco em nossa produção editorial. Estes livros chegam ao País, na década de 1950, pela Editora Globo, de Porto Alegre, à época, uma editora de pequeno porte, causando uma reviravolta na produção livreira no País. Se até então, os livros eram fabricados a partir de capas duras, com papel de qualidade, o que encarecia o produto, o livro de bolso é produzido em capa mole, com papel de qualidade inferior, sem maiores cuidados tipográficos, e em formato menor que o usual. Os pontos de distribuição de livros também se transformam a partir da inserção do livro de bolso no mercado. Se antes as livrarias eram os espaços sociais, por excelência, da venda de livros, agora, os pontos de distribuição deste bem são os supermercados, as farmácias e as bancas de revista.

Os gêneros publicados neste formato eram o faroeste, policial, gótico, erótico e, prioritariamente, o romance sentimental. No que diz respeito ao romance sentimental, pela primeira vez, as classes menos favorecidas têm acesso a este bem cultural, em regiões que não estavam no circuito de compra e venda usuais. Seu formato barateia o produto e os novos postos de distribuição facilitam o seu acesso às classes mais populares. Daí porque, nos círculos literários, esses recebem a alcunha de “livros dos pobres”. É com os livros de bolso, enfim, que o romance sentimental sai do âmbito da classe média urbana, em especial, a do sul e sudeste do País, e se populariza, adentrando em outras regiões.

Essa literatura, entre meados dos anos 1960 até fins dos anos 1970, encontra, no Brasil, seu maior sucesso editorial, publicado pela Editora Bruguera<sup>5</sup>, e posteriormente, cedendo seus direitos de tradução para a Editora Cedibra, nas Coleções *Trevo* (com 4 séries: *Azul, Amarelo, Vermelho e Verde*), *Cintia, Celia, Dália, Ventura* (com 4 séries: *Azul, Verde, Vermelha e Amarela*), *Diana, Maio, Corin* (com 4 séries: *Azul, Verde, Vermelha e Amarela*), *Marisol* (Com 2 séries: *Azul e Amarela*), *Marília, Papoula, Violeta, Madrepérola, Coral, Natália, Karina* (com 4 séries: *Azul, Verde, Vermelha e Amarela*), *Estrela, Dr. Glenn, Olho Mágico, Lolita, Lírio* (com 4 séries: *Azul, Verde, Vermelha e Amarela*), *Katia, Estela e Corinto*, cujo maior expoente, foi certamente, a espanhola Corin Tellado.

Corin Tellado, pseudônimo da espanhola Maria Del Socorro Amália Tellado López, está entre as autoras de romances sentimentais mais famosas do século XX. Tellado teve

---

<sup>5</sup> Devemos lembrar, também, que além da Editora Bruguera, algumas editoras brasileiras também se rendiam ao formato de livro de bolso, como a Ediouro, que lança nos anos de 1970, os *Romance Rebeca*, que publicava tanto autoras consagradas da literatura sentimental como Barbara Cartland, bem como autores nacionais como *Adriana, Eliana e Leonor*. Apesar de estar em formato de bolso, estes livros tinham uma qualidade superior de papel, capas bem mais elaboradas, e eram muito mais extensos do que os seus concorrentes, monopolizados pelas editoras Bruguera/Cedibra.

seu primeiro livro editado em 1946, na Espanha, se tornando rapidamente sucesso editorial em seu país de origem. Durante o *franquismo*, expressão que se refere à ditadura militar de Francisco Franco, que dominou a Espanha de 1939 a 1975, Corin Tellado foi soberana. Suas histórias de amor, prenhe de conservadorismos, agradaram em cheio ao regime de exceção na Espanha, obtendo o mesmo resultado, no regime militar brasileiro do mesmo período<sup>6</sup>. O único autor na Espanha que vendeu mais do que ela foi Miguel de Cervantes. Esta autora publicou, ao longo de sua extensa carreira, mais de 4.000 mil obras, traduzidos para 27 idiomas, entre romances e fotonovelas, e roteiros para a televisão

Durantes mais de 10 anos, Corin Tellado foi a mais popular autora de romances sentimentais de bolso, no Brasil. Ao lado de Corin Tellado, havia outros autores de sucesso, como Carmem Toledo, Valentina Del Barco, Mercedes Escalante, Isabel Salueño, e Maria Neves Grafares, e naturalmente, seus maiores concorrentes, Carlos de Santander e Maria Tereza Sesé, que teriam também, devido a seu êxito em vendas, a sua própria coleção. As Coleções Corin e Trevo eram somente dedicadas às obras de Corin Tellado, a Coleção *Ventura*, a de Carlos de Santander e a Coleção *Marisol* aos livros de Maria Tereza Sesé, que foram concorrentes diretos de Corin Tellado em nosso país. Mas, nenhum desses autores se compara ao sucesso editorial de Corin Tellado.

Porém, nos anos de 1980, a concorrência com os novos títulos que surgiam no mercado<sup>7</sup> acaba por determinar os anos de 1980 como o fim de uma era para Corin Tellado. Mas, as obras de Tellado, publicadas neste período, guardam uma especificidade que as diferem de suas congêneres: ao colocarem em pauta conflitos que não estavam em curso nos romances sentimentais à época, suas obras acabam se tornando um campo privilegiado de análise para entender como a literatura de massa negocia não só com os discursos que cristalizam a ordem dominante, mas também, com mudanças de mentalidade e de comportamentos que estão em curso na sociedade maior em um dado tempo histórico. São, pois, os romances de Corin Tellado o objeto de estudo deste trabalho.

Se o núcleo central de suas histórias se pautava, como em todo livro do gênero, em descrever a descoberta do amor até a sua concretização em forma de laços matrimoniais,

---

<sup>6</sup> Em 1964, o golpe militar é deflagrado. Entre meados dos anos de 1960 e 1970, com o AI-5, a censura a livros e periódicos se dá de forma mais contundente. O novo governo, por meio do decreto no. 1770, preconizava que a produção e divulgação de livros e periódicos, nacionais ou importados, de qualquer caráter, quer seja, de entretenimento, filosófico ou científico, ficava subordinada à censura prévia. Os censores teriam a função de analisar a obra, segundo a sua co-habitação política ao regime comunista e segundo a sua subversão da moral e dos bons costumes da sociedade brasileira. Daí porque o conservadorismo de Corin Tellado agradava em cheio à lógica repressiva do golpe militar brasileiro.

<sup>7</sup> Nos anos de 1980, a editora *Nova Abril Cultural* relança alguns sucessos de Corin Tellado na Coleção “Grandes Autoras de Romance”, mas o retorno não foi o esperado pelos produtores. A popular e ultra conservadora autora espanhola perde rapidamente espaço para as Coleções *Julia*, *Sabrina* e *Bianca*, que são lançadas em fins dos anos de 1980, se tornando o maior sucesso editorial de livros de banca de revista até a contemporaneidade. Era o fim do império de Tellado no Brasil.

suas histórias mais populares giravam, primordialmente, de forma bastante distante de seus congêneres, em torno de relações desfeitas. O casamento em perigo era um de seus temas favoritos. Se casar é inevitável para as suas protagonistas, continuar casada é um problema. Em suas obras, o matrimônio não é algo fácil de ser construído. Em Corin Tellado, diferente dos romances sentimentais das décadas anteriores, a infidelidade é uma realidade do cotidiano do casamento. As moças antes de se casar temem a traição masculina. O homem é inconstante, já conheceu várias mulheres antes dela, como é possível, então, assegurar a paz no lar? Desta sorte, pela primeira vez, nos romances sentimentais, os conflitos conjugais tomam espaço em seus enredos.

Assim, os temas que giravam em torno da separação, da traição, da infidelidade, pareciam ser uma obsessão para a autora. Ali, está a maior contribuição de Corin Tellado para a história da literatura de massa no Brasil: a pedagogia do casamento embutida em suas obras. Mas de que tipo de pedagogia matrimonial estamos falando? Qual era a orientação dada pela autora para as esposas infelizes, cujo casamento está ameaçado de desintegração? O que a autora propõe que seja feito a fim de que a jovem esposa preserve a harmonia conjugal? Estas são, pois, as perguntas-chave que orientam este trabalho. Este trabalho pretende, assim, desvendar a estrutura e argumento que estão presentes nos protocolos de leitura indiciados por esta autora que adentram nas complexas relações matrimoniais das mulheres de papel.

Os protocolos de leitura são características intrínsecas a um texto e sua impressão que pretendem assegurar, ou ao menos indicar, a correta interpretação que se deveria dar a ele. Estes definem quais devem ser os usos adequados do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal (CHARTIER, 2011). Todo texto é construído a partir da imagem de um leitor ideal, cuja competência decodificaria o sentido preciso que o autor e o editor do texto pretenderam fornecer a ele. No texto, há determinados elementos que o autor dissemina que orientam sua leitura em uma direção, ao mesmo tempo em que esta orientação se completa na própria matéria tipográfica. Neste contexto, são, pois, os protocolos de leitura intrínsecos às obras de Corin Tellado o material de análise posto em debate neste trabalho.

Tais protocolos de leitura são captados, neste trabalho, a partir de uma análise de discurso estrutural e argumentativa, nos moldes de Thompson (1995), de dez livros de autoria de Corin Tellado, publicados no período, que conformam um modelo de casamento que segue uma lógica claramente demarcável. O interesse na apreensão dos mecanismos

discursivos que estão imbricados na estruturação dos livros de Corin Tellado publicados no Brasil está no fato de que estes romances terem desempenhando um impressionante papel na construção da subjetividade das mulheres das classes populares no Brasil de então.

Estes romances, sem dúvidas, forneceram a suas leitoras um complexo sistema cultural de construção de expectativas do que seja o amor, a relação heterossexual a dois, e a idéia de casamento que lhe subjaz. Logicamente, a estrutura ali disponível não é a única fonte de discurso sobre este assunto, tendo em vista que subexistem outros discursos autorizados sobre a subjetividade do feminino, presentes em outros produtos da cultura de massa, mas sem sombra de dúvida, é um das mais poderosas e disseminadas, e serve como reforço recíproco dos discursos sobre o matrimônio elaborados, por exemplo, nas revistas voltadas para o público feminino no período em questão, como veremos a seguir.

Desta sorte, temos o intuito de desvendar as estratégias discursivas que Corin Tellado usa para construir um verdadeiro manual de auto-ajuda para casamentos em crise, ameaçados por desentendimentos, incompatibilidade de temperamentos e pelo fantasma da traição masculina. Porém, lembramos, aqui, que a temática central dos romances de Corin Tellado, apesar de inédita até então na literatura sentimental do período, não era, de forma nenhuma original para a sociedade brasileira de antanho.

## **2. Corin Tellado: moderna mas nem tanto**

Entre os anos de 1960 e 1970, no Brasil, o casamento, em especial, a infidelidade era, à época, tema recorrente nas revistas femininas do período (BASSANEZI, 1993, 1996; BUITONI, 1990, 1991). Na revista *O Cruzeiro*<sup>8</sup>, destinada ao público feminino, a sua seção “De mulher para Mulher”, se pautava em conselhos e orientações sobre inúmeros problemas do mundo feminino, dentre eles, as primeiras desavenças entre os casais e a infidelidade conjugal (CUNHA, 2001). Mas, se é necessário englobar aspectos da realidade para garantir o princípio da verossimilhança nestas obras, este enquadramento não se faz de qualquer forma, mas, em uma perspectiva que naturaliza possíveis conflitos e restaura a ordem social.

Em seus livros, os conflitos entre os jovens enamorados se configuram como manifestações naturais da distinção entre os sexos, e que naturalmente se diluem (BRITTO, 1999). Em geral, acontecem por problemas de comunicação entre os amantes, por imaturidade, mais frequentemente feminina, pela defesa da honra da protagonista, por orgulho feminino em não se dobrar à vontade do herói, e, finalmente, pelo não

---

<sup>8</sup> *O Cruzeiro*, lançada em 1928, é uma publicação voltada para o público feminino, angariando grande popularidade nas décadas de 1940, 1950 e 1960, e perdurando até julho de 1975.

entendimento de que a situação apresentada se trata de amor, o único e verdadeiro. Mas, a harmonia no amor está, em Corin Tellado, sempre ameaçada. O casamento, o fim último da relação, está, continuamente, em perigo.

Porém, se dentre estas relações desfeitas, a que requeria mais atenção de Corin Tellado era a do casamento em perigo, a qual casamento Corin Tellado está fazendo referência? A um tipo de casamento no qual os papéis masculinos e femininos eram bem demarcados, vigiados e cumpridos à risca. No romance *Carolina* (1968), se a heroína da história, iniciava a trama insatisfeita era porque não havia aprendido a revelar seus verdadeiros sentimentos ao marido e mais, porque ainda era incapaz de compreender os sentimentos deste em relação a si própria. Mas, como Corin Tellado descreve o caráter deste tipo de mulher? Trata-se da mulher moderna, nos moldes de 1960.

Esta mulher é retratada como portadora de mudanças culturais claras em relação aos estereótipos femininos das décadas anteriores. A protagonista é usuária de cigarros, agora, percebidos não mais como um hábito masculino, mas como sinal de elegância feminina. Mas, Corin Tellado não está só. A imprensa brasileira, à época, incentivava o seu consumo para o público feminino. A Sousa Cruz, principal produtora de cigarros no Brasil, já investia, desde 1903, neste público, chegando a criar uma marca de cigarro, especialmente voltada para esta consumidora, a “Dalila”. Mas, somente décadas depois, o cigarro tornar-se um hábito de consumo feminino, pelo menos, nas classes altas brasileiras. No “Jornal das Moças”<sup>9</sup>, periódico de sucesso, entre os anos de 1940 e 1960, as propagandas, como afirma Sasaki (2010) eram constantes. Em 1948, a Sousa Cruz filia, neste periódico, a marca de cigarros Hollywood a uma figura feminina que, na capa do anúncio, segura, com mãos bem cuidadas, um cigarro com charme e elegância.

Em 1949, já se publicava, neste periódico, cinco peças publicitárias diferentes só para este produto, vinculando tais imagens à figura feminina, nos mais diversos espaços sociais, em frente a caixas registradoras (em supermercados, escritórios, lojas) ou mesmo no retiro do lar. Durante toda a década de 1950, o hábito feminino de fumar é considerado quesito de elegância e tem ampla aceitação nas classes médias altas brasileiras. Nos anos de 1960, as propagandas se ligam à bossa nova, tendo a praia de Copacabana como pano de fundo ou o ambiente de clubes chiques frequentados pelas mulheres de classe alta no Brasil.

---

<sup>9</sup> O Jornal das Moças, que teve sua primeira edição em 1914 e a última em 1968, dirigido ao público feminino de classe média alta no Brasil, difundiu atitudes, modas e comportamentos, considerados socialmente aceitáveis para o período. Apesar de este periódico ser destinado às classes médias, segundo Sasaki (2010), os estereótipos femininos, lá propagados, atingiam às classes populares, que tentavam imitar os modelos de mulher ali difundidos, adaptando-os às suas próprias condições sociais.

Como afirma um anúncio do cigarro Hollywood do período, publicado nesta revista, “os tempos mudam mas a preferência pelos cigarros Continental permanece” (SASAKI, 2010). Assim, não é à toa que as mulheres de Corin Tellado fumam. É a representação da modernidade que se pretende à época.

Limitou-se a puxar da sua cigareira de ouro e procurar nervosamente um cigarro. Levou-o à boca e Fred aproximou o seu isqueiro com uma prontidão exagerada (Corin Tellado, *Caprichos de um milionário*, p.10).

— Quer fumar? — perguntou ele. — Gosto de vê-la fumar. Ninguém faz com mais elegância e classe (Corin Tellado, *Razões de um coração*, p.12).

E, encolhendo os ombros, Helena foi sentar-se nos braços de uma poltrona, (...) balançando uma perna, expeliu com deleite uma baforada de fumo; e a fumaça espalhando-se pelo aposento, saiu alegremente pela janela, indo confundir-se com os raios de sol (Corin Tellado, *Amar é meu passatempo*, p.03).

Por outro lado, as mulheres de Corin Tellado continuam a serem bonitas, castas, puras, seguindo o ideal masculino desejado à época. Porém, a virgindade, em Corin Tellado, é radical. Nem sequer a carícia mais usual pode encontrar lugar, se não for conduzida por seu futuro marido. Porém, esta é uma representação maior, muito comum na sociedade brasileira da época. A “patroa” deve ser possuidora de pendor para o trabalho doméstico, beleza para exibir no social, e recato para manter os homens à distância. Mas tudo isso nada tem valor, se a jovem não sabe se conservar pura de “corpo e alma”. Em *Amar é meu passatempo* (1976) e em *O Caminho dos noivos* (1978), os protagonistas se sentem atormentados ao imaginar, devido a falas dúbias de suas eleitas, que estas tenham recebido, antes de conhecê-los, carícias de outros.

— Você me enganou, pequena — replicou com frieza — Por meu gosto não tornaria a vê-la nunca mais, mas... levo o primeiro beijo dos seus lábios, compreende? Tem namorado muito, bancando a coquete com os homens, tem grande número de admiradores, mas fui eu o primeiro homem que a beijou (Corin Tellado, *Amar é meu passatempo*, p.31).

Ela ficou paralisada e pensou que, sob aqueles beijos no fim das contas, como ele mesmo dissera, era apenas mulher. E aquele homem beijava-a na boca, roubava-lhe dos lábios as primeiras carícias que ela tivera (Corin Tellado, *Quando o amor intervem*, p.46).

Somente em *Tormento de um amor perdido* (1979) a fórmula “virgindade até o casamento” é quebrada. Patrícia, aos 16 anos, perde a virgindade com Gerad, que foge, quando descobre que a mocinha, irmã de seu melhor amigo, está grávida. Mas, ainda assim, retorna, para reparar seu erro, cinco anos depois, para uma ainda apaixonada Patricia, e casa-se, com a moça, restaurando a ordem social. Afinal, agira por covardia, egoísmo,

irresponsabilidade, imaturidade e medo. Mas, qual homem não erra? De toda forma, a gravidez de jovens solteiras não é ignorada por Corin Tellado, que lhe dá a única solução possível: o matrimônio. Mas, se a moça da história acima errou foi por falta de orientação familiar. Órfã de pai e mãe, só tinha como tutor um irmão, que pouco entendia dos humores femininos. Mas, enredos como esse são raros. De fato e de direito, a virgindade se traduz, portanto, em principal virtude feminina.

A combinação de sofrimento e virtude é recompensada, ao final da trama, pelo êxito no casamento. O homem não só complementa perfeitamente a mulher, mas também, é a solução ideal para quaisquer problemas espirituais ou psicológicos que venha a ter. Esta visão é alimentada pela imprensa do período, adquirindo, inclusive, ares científicos. Na revista *Vida e Saúde*, de março de 1960, algumas mulheres relatavam sintomas que não entendiam, como desânimo, falta de apetite e palpitações. O médico especialista, procurado pela revista, passava a explicar tais sintomas a partir da falta de controle das emoções femininas, decorrentes de sonhos com uma vida, de solteira ou de casada, que não condizia com a realidade. Estas patologias seriam uma das consequências perniciosas da emancipação feminina. Daí porque uma solução óbvia para estes problemas de cunho emocional parecia ser a leitura de livros que orientavam sobre qual era o verdadeiro lugar da mulher na sociedade. Estes livros se falavam de amor e paixão, o faziam, com uma pedagogia clara: a recompensa do amor virá apenas para aquelas que souberem se comportar de forma adequada na vida social, isto é, para aquelas que saibam conservar sua virtude, quando solteiras, e a paz do seu lar, quando casadas.

Desta forma, apesar dos romances de Corin Tellado frequentemente terem descrições de beijos e abraços apaixonados, apesar de conterem personagens femininas ardentes e homens febris de desejo, sugerindo um sexo pré marital com seus parceiros, efetivamente o ato não se concretiza até o casamento. Este imperativo da virgindade chega a construir uma moralidade que legitima o uso da violência física para constranger o outro no ato sexual. Em *Primeira Noite de Casados* (1965), Maud pensa ter sido estuprada, após um desmaio resultante de uma briga, gerada por ciúmes, na qual Marx, seu primeiro amor, fora de si, a força com beijos a aceitar suas ousadias. Ao se recuperar do desmaio, Maud acaba aceitando sua proposta de casamento porque, segundo Marx, nenhum homem honesto quererá para esposa uma mulher marcada por outro, independente desta ter ou não colaborado para o ato sexual em si.



Assim, cabe à mulher se defender deste homem, viril, primitivo, cheio de artimanhas, que tenta abalar sua virtude. Desta sorte, encontramos, claramente, a manutenção de uma dupla moral, uma existente para os homens e outra para as mulheres. Enquanto as mulheres deveriam ser fiéis aos laços do matrimônio, não caindo nas tentações do mundo, sendo-lhe o adultério interdito, os homens poderiam facilmente ter uma vida dupla porque, às vezes, a esposa e mãe não saciava adequadamente seus desejos de homem viril. Era necessário procurar alento fora de casa. Mas, para a mulher traída esta solução era proibida.

Sua esposa fora um prolongamento daqueles filhos, por isso sentira tanto a sua morte. Não foi a dor de perder o seu amor. Foi a dor de perder a mãe dos pequenos, pois quase sempre procurava amor fora de casa. Sua esposa nunca o censurou. Não fora bom para ela, mas talvez ela compreendesse e perdoasse (Corin Tellado, Quando o amor intervém, p.46).

Desta forma, era o modo de ser dos brasileiros à época. Cunha (2001) relata que, em 1969, a revista *Realidade*<sup>10</sup> apresenta um perfil do homem brasileiro, em uma pesquisa encomendada pela própria revista. A partir dos resultados desta pesquisa, a revista conclui que o brasileiro é acima de tudo um moderado. Em matéria de mulheres, só aprecia dois tipos: a própria que ele costuma chamar de ‘minha senhora’; e as restantes. Deduzindo das restantes: mãe, avós, irmãs e filhas que são sagradas e intocáveis. Para as outras que não cabem nesta tipologia, restam as cantadas. Estes homens vivem a cantar as mulheres porque são viris e instintivos. Nesta gramática amorosa, ao homem cabe fazer promessas que não cumprirão em troca de favores sexuais do sexo feminino, cabe à mulher ter a decência necessária para a elas resistir. Corin Tellado, em seus homens, espelha este ponto de vista.

Se eu encontro na rua uma garota que me dá bola, posso prometer-lhe até sete casamentos, se ela me der um beijo em troca da promessa. Você não sabe como nós, homens, somos maus (Corin Tellado, Amar é meu passatempo, p.12).

Mas, a sabedoria feminina está em utilizar esta artimanha masculina a seu favor. É virar o feitiço contra o feiticeiro, transformando em boas as péssimas intenções que o cantador alimenta. A cantada que termina no registro civil é o melhor atestado da habilidade feminina para fazer valer sua força. A mulher que casa é, assim, aquela que não se entrega, não se vende por quinquilharias, permanece firme e reta em seus princípios morais. Entretanto, todos esses atributos ficariam reduzidos a nada se um requisito fundamental não se apresentasse: a virgindade, condição exigida por 83% dos brasileiros, segundo as

---

<sup>10</sup> . Apesar da revista *Realidade* não ser considerada uma revista feminina, tal como *O Cruzeiro* (1928) e *Claudia* (1961), ela tinha o hábito de publicar artigos voltados para o público feminino.

pesquisas realizadas pelos periódicos da época. Afinal, como afirma Cunha (2001, p.15) “a ‘minha senhora’ tinha que ser uma ‘moça de respeito’, o que significava não deixar ‘avançar o sinal’ durante o namoro e o noivado”. Se ela cedesse aos apelos e súplicas dos homens, a mulher estaria desqualificada para um “compromisso mais sério”, pois quem garantiria a ele que ela não iria dar “provas de amor” a outros, também? Daí porque a mulher continua tendo o mesmo perfil puro e casto do início do século. Desta feita, somente as possuidoras destas qualidades estariam aptas à recompensa do casamento.

Fred tinha conhecido muitas mulheres e uma mais não importava. É verdade que esta “uma mais” não se vendia por um casaco de “vison” nem por um carro nem por um cheque. Esta teria de levá-la até o altar.. (Corin Tellado, *Caprichos de um Milionário*, p.10).

Entrementes, o homem em Corin Tellado está pronto para casar, à espera do amor da mulher verdadeira. E quais seriam as razões que levariam o homem a dar este passo? Estes homens, de classe média, uma vez que estejam estabilizados na vida, tendo um patrimônio e uma boa situação financeira, necessitam da estrutura de um lar para dar sentido às suas conquistas. Neste contexto, a felicidade conjugal iria re-energizar, fortalecer, o homem que se confrontava cotidianamente com as adversidades da vida laboral, pública, e que chegava em seu lar, necessitando do amparo, da compreensão e do amor de sua esposa (LIPOVESTKY, 2000).

As jovens leitoras eram, pois, incentivadas, pela narrativa romântica de Corin Tellado, a ocupar o lugar de esposas e mães na ordem social. Neste sentido, as expectativas e sonhos das mulheres do período de transformações sociais estavam vinculados ao casamento, que significava o encontro com a felicidade. Mas, a felicidade dentro de quatro paredes não é um mar de rosas. Há nela conflitos, como a infidelidade conjugal masculinas, que devem ser gestados pela passiva e jovem esposa. Quando, em *Carolina* (1968), a protagonista pensa em se separar do marido, devido a ciúmes infundados de ambas as partes (principal razão dos desentendimentos dos casais em Corin Tellado), e procura sua mãe, após uma discussão na qual foi estapeada, a mãe nega a possibilidade de separação “por um capricho passageiro”, aconselhando-a a retornar ao lar, afinal uma certa dose de infelicidade, é útil para aquilatar a verdadeira felicidade conjugal.

\_Muito bem, filha. Porém aconselho-a se quiser ter Leandro a seu lado novamente, vá dominando êsse orgulho. Foi você quem saiu de casa, quando nenhuma mulher de nossa família abandonou o marido por um capricho passageiro.

\_Passageiro? Como, se até me bateu!

\_Sempre a considere sensata, mas agora vejo que tenho que reformular minha opinião. Leandro apenas lhe deu um tapa, e sem dúvida

mercidamente. De vez em quando é conveniente mostrar a uma mulher que o marido não é um boneco, mas um homem.

\_Oh! mamãe! Pensei que me desse razão. Quer dizer que agora sou a culpada de tudo. Sabe por acaso o quanto sofri?

\_As vezes é preciso sofrer um pouco para aquilatar o verdadeiro valor da felicidade (Corin Tellado, Carolina, p. 108).

Essa era, para Corin Tellado, a fórmula para o casamento burguês bem sucedido, aquele que permitia que os homens se mostrassem homens de verdades- incluindo-se aí a possibilidade de exercerem a violência física, caso os motivos fossem “justos”. Este modelo deveria ser seguido pelas mulheres das classes populares deste período. Assim, em Corin Tellado, cabe à mulher a responsabilidade pela estabilidade deste lar. Não se pode abandonar o lar, e deve-se sempre ser compreensiva para com as necessidades do marido, sejam elas quais forem. De todas as formas, o casamento é o porto seguro no qual a felicidade do homem se completa. E o lar significa casa, comida e roupa lavada. E sexo legalizado.

— Sinto ainda algumas dúvidas, mas penso que devo me casar. Que faço tão só? Não tenho um lar, apesar de ter uma casa. E depois, não sou um tipo boêmio. Não vivo atrás de aventuras amorosas. Podia até — acrescentou um tanto aturdido — ter uma amante, como tantos por aí. Mas, não é isso que desejo. Quero encontrar o amor, a compreensão, a ternura, a paixão, em uma só mulher (Corin Tellado, As razões de um coração, p.07-08).

Nasci para ser casado, para ter uma só mulher, para criar nossos filhos. Já não suporto os hotéis e as pensões. Estou farto dessa vida. Está me entendendo? (Corin Tellado, As razões do coração, p. 43).

Mas, se a ida ao altar é um caminho sem muitos tropeços, uma vez que o homem já está predisposto socialmente para o casamento, para conservar o matrimônio em harmonia, estabelecendo a paz no lar, cabe a mulher enfrentar sacrifícios, como suportar a infidelidade conjugal até que o homem deixe, enfim, seu capricho passageiro, e retorne ao lar. Para tal, uma fórmula está instaurada: conserve-se sempre bonita e jamais abandone a casa.

### **3. Beleza, infidelidade conjugal e conformismo**

Assim, se é difícil casar, muito mais difícil é preservar a paz no leito conjugal. A infidelidade masculina, diferente de outros séculos, ameaça o casamento, podendo causar sua ruptura. É preciso, pois, lutar contra este mal. A sociedade à época achava normal a “escapada do marido”, em especial, se se tratasse de um casamento já maduro, quando o homem está com a vida financeira equilibrada. A sugestão, para que a traição não rompa a relação é que a mulher, em hipótese alguma, abandone o lar, pelo contrário, deve-se manter

em seu lugar de honra, evitando a todo custo cenas desagradáveis que só servirão para exacerbar a paixão do seu marido pela outra, que é taxada necessariamente de interesseira e exploradora. O ânimo deve manter-se firme, levando tanto quanto possível uma vida normal, sem descuidar da aparência física (CUNHA, 2001). Aí, está a principal advertência do período: a manutenção de uma aparência bela, fresca e elegante a fim de que o homem não procure alento fora de casa. Desta feita, as mulheres de Corin Tellado, se belas, na juventude, devem permanecer belas, no decorrer da vida de casados.

Sem estes cuidados de si, o casamento poderia ser rompido. A ausência de beleza e elegância seria um fator que poderia fazer desmoronar por completo um casamento. Nada de perder a graça e o encanto. Como salienta Cunha (2001), não se pode, àquela época, pensar que ter marido fosse entrar na posse de um seguro de vida pelo qual não tivesse que pagar senão a primeira prestação. As mulheres deveriam pagar para reter o marido, várias prestações. Desde os vinte anos, deve a mulher pensar como será aos quarenta e como gostaria de sê-lo. Para isso, deve se preservar bonita, atraente e bem vestida. O casamento seria assim, um “seguro de vida” pelo qual teria que pagar várias vezes, e para tanto, ela teria que se lembrar dos anos que viriam, se ela quisesse permanecer casada. Assim, a beleza continua a ser uma qualidade essencial à mulher que se deseja continuar casada. Desta feita, as protagonistas de Corin Tellado, continuam bonitas, belas e atraentes

Tinha os olhos claros, mas ele não pôde precisar, do sítio onde estava, se eram azuis ou verdes. Só soube que eram claros e que sorriam com cálida ternura. Viu a boca de traço delicado, uma boca feminina de lábios bem desenhados, atrás dos quais se ocultavam uns dentes pequeninos e perfeitos como pedras puríssimas. Uma boca que teria gostado de beijar naquele instante e em todos os instantes da sua vida (Corin Tellado, *Caprichos de um milionário*, p.07).

Mas, as mulheres de Corin Tellado, apesar de estarem voltadas, no casamento, para a criação dos filhos e para os cuidados com o lar, adquiriam outra qualidade que em nada lembra as doces e recatadas heroínas dos romances das décadas anteriores. Estas se tornaram mulheres ardentes. O cuidado e a dedicação ao marido, agora, são recompensados pela realização do prazer físico. O casamento não significa, a partir de então, apenas meio de sustento de si e da prole. Uma qualidade se incorpora ao pacote: uma sexualidade recompensada.

Se entre os casais brasileiros, no espaço público, as formas de afeição física, como beijos e carícias, eram raridade, nos livros de Corin Tellado, beija-se à farta. Mas, tal como na sociedade maior, os beijos não são dados em público, estão sujeitos aos espaços privados. Entre os casais, os prazeres da boca degustavam-se no escuro. Como afirma Del

Priori (2006), na sociedade brasileira, nos anos de 1960, entra em cena o beijo de língua ou *French Kiss*, que se antes escandaloso e mesmo considerado um atentado ao pudor, passa a ser sinônimo de paixão. O beijo ali é ardente e apaixonado, e preme de reciprocidade. O prazer está em quem dá e em quem o recebe e em quem o lê.

Beijou-a na boca, esquecendo-se de tudo (...). Beijou-a muito. Como se fosse uma necessidade física ou uma necessidade espiritual, ou uma desforra ou a ira que tinha dentro de si, ou aquele desejo que começou a atormentar sua mente desde que a viu (Corin Tellado, *O caminho dos noivos*, p.46-47).

E, sem preâmbulos, atraiu-a para si, apertando-a contra o corpo. E beijou-a na boca, como um verdadeiro selvagem. Reteve-a contra si até que ela, sem, forças, abandonou-se em seus braços. E então soltou-a (Corin Tellado, *Amar é meu passatempo*, p.31).

No casamento, a mulher, em Corin Tellado, tem, enfim, direito ao prazer físico, mas só dentro dos laços do matrimônio. Estas mulheres ardentes poderiam ter, no casamento, a realização de seus desejos, pois, no melhor estilo do discurso romântico, o casamento, em Corin Tellado, conjuga, claramente, amor e paixão como partes constitutivas da vida conjugal. Destarte, os homens de Corin Tellado seduzem suas mulheres com a perspectiva de intercursos sexuais apaixonados, que vão se iniciar no matrimônio e se perpetuar na vida conjugal. Mas, a mensagem é clara: o desejo físico feminino só pode ter lugar se for acompanhado pelo amor. E será o casamento a ferramenta social que apaziguará a ardência do desejo, transformando-o em afeto, carinho e solicitude.

Ela estendeu a mão mas, num movimento brusco, Hugo puxou-a para junto de si, beijando-a na boca. Surpreendida, ela quis retroceder, mas o jovem, jogando a maleta e a capa no chão, apertou-a nos braços com força, como se temesse deixá-la. (Corin Tellado, *Amar é meu passatempo*, p. 40).

Max sentiu como se o fogo do Inferno o consumisse. Inclinou-se e beijou-a na boca. Não selvagememente. Devagar. Tão devagar e docemente que ela, instintivamente, sem poder conter sua ansiedade apertou-se contra ele. Foi como se Max se desintegrasse. Envolveu-a em seus braços e suas mãos procuraram aquele corpo como se ele fosse sua única razão de viver (Corin Tellado, *Quando o amor intervém*, p.70).

Não é à toa, pois, que, na autora em estudo, o auge da relação será sempre a chegada dos filhos, eles sim, o cimento que unirá o casal até o fim de seus dias. Nestes romances, o momento em que a chegada de um novo membro da família é anunciada, é um momento de êxtase e completude para o jovem casal. Então, Corin Tellado, faz em seus

romances, um excelente trabalho de domesticação do sentimento apaixonado ao prendê-lo aos ditames do casamento que exige a procriação como sua função última, estabelecendo uma posição de subordinação do feminino. Em seus livrinhos de amor, jamais se discutia planejamento familiar nem métodos anticoncepcionais, temas presentes na roda de conversas da sociedade brasileira, ainda que as revistas femininas do período já elaboravam, ainda que timidamente, as primeiras informações sobre o assunto<sup>11</sup>.

### **Considerações Finais**

Ainda que controle familiar não esteja em pauta nesta autora, Corin Tellado se debruça sobre o anseio da mulher casada por uma relação amorosa completa, não só espiritual, mas, física. Deste modo, agregava-se à sua narrativa determinados anseios femininos, como aqueles que diziam respeito às exigências de uma paixão retribuída nas relações entre os casais. Mas, quando Corin Tellado se integra a seu tempo histórico, o faz sob a tutela de um controle e de uma vigilância constantes. Neste contexto, os romances tinham a função de denunciar o desregramento sexual oriundos de certos países europeus e norte americanos, cuja liberalidade apontava para segmentos da elite em franco declínio moral. Num período de censura e restrições, que caracterizaram a ditadura militar brasileira, a autora escrevia histórias de amor nas quais obrigatoriamente a heroína era descrita como uma atraente mulher, apaixonada e ardente, mas que precisava ainda de abrigo-proteção de um parceiro que a sustentasse e a mantivesse dentro da moral vigente. Esta moral relaciona o casamento ao amor, e ao fazê-lo redimensionava o prazer físico, dentro de uma ordem autoritária.

Então, podemos reconhecer, em Corin Tellado, uma tentativa de equilíbrio de forças sociais que se opõem. Por um lado, é necessário preservar o casamento a todo custo, de outro, é necessário oferecer, neste período, mais recompensas no matrimônio do que em outros tempos históricos. A sociedade está mudando. A revolução sexual, a pílula, a chegada da mulher em postos de trabalhos de maior êxito social e financeiro obriga estes pequenos romances a se adequarem aos novos tempos. Mas, se os romances sentimentais de bolso, como os de Corin Tellado, acompanham esta tendência, eles retiram do discurso qualquer veia revolucionária. A felicidade da mulher está confinada ao casamento, ainda que esta instituição social comece a ser apresentada, pela primeira vez, como portadora de conflitos.

---

<sup>11</sup> Enquanto isso, a própria Igreja católica trazia o assunto à baila. O Concílio do Vaticano II, em 25 de dezembro de 1961, trata, entre outros temas relevantes, do planejamento familiar por métodos naturais, do amor conjugal, e da interação entre o amor físico e espiritual. Corin Tellado foge a estas discussões, ainda que tire partido da sexualidade feminina que, com a revolução sexual, começa a “sair do armário”, e vir à tona.

## Referencias Bibliográficas

- ANDRADE, Olympio de Souza. O livro brasileiro: problemas e perspectivas numa visão de conjunto. IN: **Revista do Livro**. Rio de Janeiro, no.37, 1969.
- BASSANEZI, C. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal. IN: **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 1, 1993.
- BASSANEZI, C. **Virando as páginas, revendo as mulheres**. Revistas femininas e relações homem-mulher. 1945/1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. IN: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1991.
- CHARTIER, R. (org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Ed.Estação Liberdade, 2011.
- CUNHA, Maria de Fátima. Homens e mulheres nos anos de 1960/1970: um modelo definido? IN: **História: questões de debates**. Curitiba: UFRN, no.34, 2001.
- TELLADO, Corin. **Carolina**. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1968.
- TELLADO, Corin. **As razões de um coração**. Rio de Janeiro: Cedibra, 1978.
- TELLADO, Corin. **Tormento de um amor perdido**. Rio de Janeiro: Cedibra, 1979.
- TELLADO, Corin. **Amar é meu passatempo**. Rio de Janeiro: Cedibra, 1976.
- TELLADO, Corin. **Caprichos de um milionário**. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1967.
- TELLADO, Corin. **O Caminho dos noivos**. Rio de Janeiro: Cedibra, 1978
- TELLADO, Corin. **Primeira Noite de Casados**. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1965.
- TELLADO, Corin. **Quando o amor intervem**. Rio de Janeiro: Cedibra, 1960.
- DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LIPOVESTKY, G. **A terceira mulher: Permanência e Revolução do Feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SAMONÁ, C. Os códigos de la novela sentimental IN: **Historia y crítica de la literatura española**. Barcelona: Crítica, 1980.
- SASAKI, Silvia. Smoking Fetish: representações femininas nas propagandas de cigarro (1940-1960). IN: **Fazendo Gênero: Diáspora, diversidade, deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010.
- SCARPIT, R. O Livro no Brasil. **Revista do Livro**. Rio de Janeiro, no.39, 1969.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.